

CADEIRA N.º 27

Patrono: Manuel Soriano de Albuquerque

Vaga: Falecimento de Adonias Lima

Recepiendo: Cláudio Martins

Recepiendário: Durval Aires

Data da posse: 12 de maio de 1972

DURVAL AIRES DE MENESES. Nasceu em Juazeiro do Norte, no dia 13 de fevereiro de 1922. Filho de Otávio Aires de Menezes e Marieta Franca de Menezes. Alto funcionário da Universidade Federal do Ceará. Poeta, novelista e jornalista. Publicou: *Barra da Solidão* (1964); *Os Amigos do Governador* (1965) e outros trabalhos de reconhecido mérito. Suas novelas serviram de base ao estudo crítico de F.S. Nascimento intitulado *A Estrutura Desmontada* (1972).

Cláudio Martins

Há quase trinta anos, por dever de ofício, tenho sido o intermediário na transmissão das heranças mais variadas.

Às vezes eram coisas de somenos: um conselho, uma recomendação ou simples palavra de consolo.

Alguém sem nada ter que oferecer além de amor, além de ternura, além de altruísmo, transformando em disposição de última vontade a alegria de ser o primeiro a despedir-se.

Tais foram, sem dúvida, tarefas amenas, pois nada se me afigura mais penoso que ver ambição desmedida e impensada destruir laços afetivos.

No entanto, lamentavelmente quase sempre o meu trabalho consistiu na transferência de ambicionadas deixas materiais.

Por isso, raramente ele me fez bem à alma.

Em verdade, se eu fosse contar a história dessas disputas tão freqüentes, tão repetidas, verieis como é tragicamente enganosa a cobiça dos homens. Os sentimentos mais nobres, os relacionamentos mais imperiosos sufocados pelo apego mesquinho a coisas que, muita vez, nada ou quase nada significam. E geralmente por quem menos merece.

Mas perdoai-me se tomo vosso tempo com divagações que, afinal, nem mesmo serão uma novidade, desde que, eu sei, praticamente todos aqui já terão testemunhado a tristeza dessa desoladora verdade.

O que pretendo com base neste estranho solilóquio é emprestar o necessário relevo ao prazer que me proporciona a gentileza da Presidência desta Casa, ensejando-me a mim, notário público já de tempo contado, a oportunidade de transmitir um legado do espírito.

Quem, no meu caso particular, se não sentiria lisonjeado ante tão desvanecedor cometimento?

Quem sinceramente não gostaria de poder confiar a experimentado escritor cearense o espólio sabiamente acumulado pelo labor intelectual dos dois mestres eminentes que honram e dignificam a Cadeira que ora é ocupada neste Silogeu?

A tarefa de que me incumbe a Academia resulta, assim, num aprazimento sem precedentes antes que numa honraria pura e simples.

Meus senhores, Manuel Soriano de Albuquerque, o Patrono, marcou sua passagem pelas letras cearenses como polígrafo de assinalados méritos.

Pernambucano de nascimento, foi o Ceará que escolheu para *campus* de sua extraordinária e fecunda atividade intelectual.

Aqui, depois de fincar raízes sentimentais, soube, como poucos, exteriorizar a pujança de um talento polimorfo, fazendo jornalismo, projetando-se como sociólogo e jurista, afirmando-se como professor de Direito em nossa Salamanca, cujo prestígio incipiente a tenacidade de suas idéias renovadoras ajudou a consolidar.

Dele diria Abelardo Montenegro: “Soriano é o último mestre, no Ceará, a congregar em torno de si toda a mocidade. Ninguém, depois dele, forma discípulos e exerce tão acentuada influência”, ao que, com muita justiça, acrescentaria Raimundo Girão: “Era uma espécie de vidente, de iluminado; sua inteligência seguia uma idéia, como um batel que em noite escura fita e navega à projeção de um farol.”

Por seu turno, Adonias Lima, o antecessor do novel Acadêmico, foi bem o digno depositário dessa herança que lhe deve, sem favor, acréscimo substancial.

Coincidentemente, jornalista e sociólogo, além de crítico social, em conferência pronunciada no Grêmio Literário Soriano de Albuquerque, seria o primeiro a destacar a influência do mestre pernambucano na vida intelectual cearense.

Em suas lucubrações sociológicas pendeu, sem reservas, para a defesa das idéias feministas que vinham agitando o Mundo civilizado desde o começo do século. E isso lhe vale o haver-se antecipado entre nós ao reconhecimento da capacidade plena da Mulher, que se faria formalmente no Brasil com a edição da Lei número 4121, de 27 de agosto de 1962.

Jornalista e político de atitudes arrojadas e corajosas, mais de uma vez sacrificou os seus próprios interesses para permanecer fiel ao que considerava o seu dever de lealdade à terra que elegeu como seu domicílio. E, seguindo essa linha de conduta, combateu de maneira ostensiva governos e homens públicos de que foi levado a divergir. E profligou violentamente desmandos e injustiças, aos quais jamais pôde acomodar a inteireza de seu caráter.

Este, senhores e senhoras, o legado que tenho o privilégio de, por outorga honrosíssima da Academia Cearense de Letras, transmitir neste momento ao escritor, jornalista e poeta Durval Aires de Meneses.

Sei de ciência própria que ele cai em boas mãos.

Sei muito bem que, como Adonias Lima, o ilustre homem de letras que ora recebemos saberá imprimir, com os comprovados recursos de sua inteligência de escol, novas e mais alentadas dimensões a essa deixa bem construída, que se fará

daqui por diante o fanal de sua promissora participação acadêmica.

Minhas senhoras e meus senhores,

Houve tempo em que seria preciso uma calamidade, uma hecatombe para arrancar do aconchego amorosíssimo da, para nós, sempre decantada terra dos cariris o rebento afeiçoado, que não tinha a fortuna de ser pródigo, pois que lhe rareava o direito de escolha.

E nesse enternecido conformismo de sertanejos sofridos e desajudados, achávamos ser aquele o nosso inarredável destino.

Recordo que nas minhas acanhadas incursões nos domínios das Musas revelei certa feita que nos dias de minha infância

*“o Crato era bem pequeno
mas para nós era um mundo
nosso mundo de meninos”,*

para por fim, já realizado, confidenciar:

*“de que me valem tesouros
de que me valem honrarias
de que me vale o que tenho
se tudo, tudo eu daria
por aquilo que não tive
por minha infância querida
que nunca mais há de vir”.*

Mas quem melhor expressou esse chamego de fruto da terra, fruto que só as incertezas da vida fazem medrar em gleba estranha, foi o poeta e repentista José de Matos, sem favor o maior menestrel matuto que o Ceará já produziu, ao lamentar, em hora de amarga despedida:

*“Adeus cidade do Crato,
quereres de minha vida,
levo saudades de ti,
rapadura e rapariga.”*

É certo que o que motivou a migração do poeta e então trovador Durval Aires não foi propriamente uma seca, uma calamidade, como acontecia comumente, senão o fascínio da cidade grande e, acima disso, a imperiosa necessidade de ambiente para o reflorescimento de vocação literária inelutável.

No entanto, ainda assim, sua forçada deserção pagaria mais tarde um preço justo, preço altissonante, sob a forma de remordimento poético que justifica, com muita sobra, um perdão ou uma desculpa:

*“Quisera te contar toda a beleza
de um mundo novo que se plasma
Mas sou um simples camponês
nascido nas terras imensamente
alegres e verdes do Vale do Cariri
e nada aprendi além de amar a terra
e nem sei quantas cores possui o arco-iris.”*

Mal chegado a Fortaleza, Durval Aires, não podendo dar-se ao luxo de ser apenas estudante, ingressa no setor jornalístico, em parte, como ele mesmo depõe, por vocação, mas preponderantemente buscando um meio de sobrevivência.

E aí se manifesta, inteiriço, o poeta, pois só um poeta — e eu sei bem, porque vivi a experiência — escolheria, naquele tempo, jornalismo como meio de vida.

Acolheu-o, mesmo assim, o jornal *O Estado*, que eu então supervisionava, juntamente com o escritor Fran Martins e o jornalista Hermenegildo de Sá Cavalcante.

Ali desempenhou nominalmente a função de redator-chefe, mas em verdade foi, como todos nós, alma e vida do valente matutino enquanto a ele esteve vinculado.

Passando em seguida para a *Tribuna do Ceará*, chegou a exercer nesse conceituado órgão de comunicação o posto de diretor de redação.

Por fim, palmilhando as opções do caminho que escolhera, transfere-se para a *Gazeta de Notícias*, jornal em que ainda hoje permanece como diretor e apreciado editorialista.

De Juazeiro do Norte, onde nasceu a 13 de fevereiro de 1922, e da cidade do Crato, em que viveu momentos inesquecíveis de sua infância, trouxe Durval Aires soma considerável de recordações, achega que iria mais tarde explorar em seus experimentos literários e artísticos.

Foi Antônio Girão Barroso o primeiro a identificar o seu poder de criatividade, acolhendo no jornal literário *José*, de tendências modernistas, alguns de seus excelentes poemas.

Mesmo após o desaparecimento do avançado semanário do poeta das rosas, insistiu Durval Aires em trabalhar a matéria poemática. E embora privado do estímulo inicial, força é reconhecer que o poeta não se dissolveu; apenas transmutou-se noutra habilidade artística, permanecendo submerso na sua personalidade, para emergir, vez por outra, em versos como estes:

*“Sei que nessa hora
nesse instante
coisas intocáveis e transcendentais
estão acontecendo.
Homens que modificam os caminhos
do mar,
da terra,
do tempo
e do vento
E teimam em fecundar o ventre das estrelas.”*

Influenciado pelo notável artista cearense Afonso Aires, seu tio, cujo violão mágico enchera de sons sua meninice deslumbrada, tentou, com sucesso, o plano da criação musical. E fez-se sambista de rodinhas íntimas, de noites boêmias, jamais se afoitando, é bem verdade, a ultrapassar as lindes dessa intimidade sem compromissos para submeter-se ao julgamento público de suas produções.

Preferiu incorporar à sua linguagem o ritmo e o cromatismo sonoro que aprendeu a dominar no contexto da pauta musical.

Vale registrar, consoante observa o crítico F. S. Nascimento, que os elementos poéticos e musicais dessa fase iriam integrar, a seu tempo, as novelas *Barra da Solidão* e *Os Amigos do Governador*.

Realmente, em qualquer dessas obras de ficção, observa o mestre de *A Estrutura Desmontada*, é o leitor surpreendido com a intromissão de texturas poemáticas, a contrastarem com a morbidez de cenas como a do crime da Praia dos Mariscos.

O estilo, por outro lado, ganha as alternâncias de notas musicais distanciando-se da linguagem do jornalista, sempre desataviada pela pressa na elaboração da matéria informativa.

Calha ressaltar que, mesmo ao tempo de suas andanças pelo reino de Camena, Durval Aires resolveu experimentar o conto.

Várias de suas produções nesse gênero chegaram a ser publicadas dispersamente; outras restaram esquecidas nas gavetas, perdendo o autor, em conseqüência, o contato com as suas primeiras tentativas no setor da criação literária.

Nada obstante isso, ainda que tomado por mero acidente, esse ensaio assim malgrado daria azo ao excelente ficcionista de *Barra da Solidão* e de *Os Amigos do Governador*.

Barra da Solidão foi a primeira novela escrita por Durval Aires de Meneses.

Seus originais primeiramente peregrinaram de mão em mão. E, mesmo quando autorizada sua publicação pela Imprensa Universitária, ali, por motivos certamente poderosos, teve que esperar, e esperar muito.

Enquanto isso, o escritor Fran Martins, de posse dos originais de *Os Amigos do Governador*, estampava-os na Revista *Clã*, com direito a separata, originando-se do incidente uma inversão cronológica, pois que, pelas expostas razões, *Barra da Solidão* somente se transformaria em livro no ano seguinte.

Nos primeiros contatos com a novela *Barra da Solidão* tem-se a impressão de que Durval Aires não inventou nada; apenas transpôs uma realidade contingencial para o plano da ficção.

O repórter que entra de férias, o tesoureiro com as finanças em crise, o diretor a se desdobrar em meios para assegurar a manutenção do jornal, tudo isso forma um quadro comum às empresas jornalísticas de verdade. A realidade que está em *Barra da Solidão* é, indubitavelmente, a mesma.

Apenas a linguagem, tal como é referida, muda de forma, possibilitando que os fatos se sucedam como que impulsionados por leis naturais.

É simples identificar no repórter Ricardo Meneses inúmeras peculiaridades que marcam a maneira de ser e de viver do próprio Durval Aires. A visão dos problemas de um jornal, em que se confundem, numa luta comum, diretor, secretário, gerente, o homem das oficinas e o distribuidor, que ele revive, admiravelmente, na figura expressiva do velho Pimentão; sua mania de pescar, de criar passarinho, tudo, enfim, que o personagem Ricardo Meneses ostenta e representa são facetas iniludíveis da personalidade do autor de *Barra da Solidão*.

Particularidade que, a meu ver, comporta estudo acurado, tal a significação que lhe foi emprestada nas duas novelas-reportagem que temos em vista é, sem dúvida, a da autenticidade.

Como anota, com muita propriedade, F. S. Nascimento, não terá passado despercebida a circunstância de que uma das grandes preocupações do autor foi trabalhar matéria-prima dos nossos dias, visualizando, ademais, uma realidade que todos nós conhecemos.

Entende Lívio Xavier que, denominando *Os Amigos do Governador* de novela-reportagem, Durval Aires apenas dava conta de sua irreverência ante a classificação dos gêneros literários.

Em que pese ao respeito que deve merecer o grande crítico cearense, alinhame, sem reservas, aos que admitem, ao revés, o que ele pretendeu, real e conscientemente, foi escrever o que na verdade escreveu: novela-reportagem, manipulando experiência incomum, numa tentativa de fundir realidade contingente à realidade ficcional.

É certo que o tratamento das duas produções — *Barra da Solidão* e *Os Amigos do Governador* — é rigorosamente literário. Não menos certo é, nada obstante, que a abordagem é direta e toma por empréstimo a essencialidade da reportagem.

Bastaria lembrar que o autor, jogando com a inovação dos diálogos superpostos ou em desdobramento, transporta os seus personagens do passado para o presente, situando-os no primeiro plano a fim de que possam falar — e falar na primeira pessoa, defendendo os seus pontos de vista.

Em síntese, um rompimento total e definitivo com os cânones do velho romance, desde que, deixando de lado as fórmulas convencionais, Durval Aires foi buscar no cinema e na reportagem os instrumentos de renovação de que carecia para realizar obra de surpreendente autenticidade, movimentação e plasticidade.

Escritor Durval Aires:

A Academia Cearense de Letras tem pela frente uma grave tarefa a cumprir.

Em sua tarefa estatutária de animadora da atividade intelectual no Ceará, ela já vem fazendo o que é possível fazer com os minguados recursos de que dispõe. E se não lhe faltarem ajuda e devotamento sei que poderá projetar ainda mais o nome deste Estado de preclaras tradições no cenário das letras nacionais.

A verdade é que de algum tempo a esta parte somos levados a fazer mais vida literária do que literatura.

Mas não é essa a questão, não é essa a situação conjuntural a exigir as preferências de nossa participação intelectual numa campanha de estímulo, consoante os moldes preconizados pela disciplina acadêmica.

Sem sombra de dúvidas, o problema cultural número um a ser considerado é o mesmo que, à guisa de desafio, sacode este País de ponta a ponta, em decorrência de novas diretrizes e bases traçadas para o ensino no Brasil.

Não será novidade repisar que a mudança radical de uma filosofia inteiramente superada por algo que significa novos rumos, novas perspectivas para uma juventude inteligente e amadurecida, coloca a nação brasileira no caminho certo do desenvolvimento.

Todavia, a implantação do sistema revolucionário, que já tardava, não se faz mero desafio à família, à empresa, à comunidade, como pretende o mandamento legal.

Muito mais que isso, ela tem que ser a precípua preocupação dos homens de letras e das associações culturais porque o que há de mais delicado, de mais exigente nesse novo plano educacional é a sua aplicação conveniente, sem riscos ou prejuízos para os nossos foros de cultura.

É preciso deixar de ser um País de bacharéis por conveniência familiar, mas é igualmente imperioso preservar as legítimas vocações para as letras e para o nível superior de ensino.

Pragmatismo sim, até onde chegarem as conveniências nacionais, mas humanismo, também, nas suas exatas e recomendáveis proporções.

Como depositários e guardiães de um acervo cultural, não podemos omitir-nos no instante exato em que se pretende realizar um trabalho de integração, através da qualificação indiscriminada para o trabalho.

Esta a tarefa acadêmica que está a reclamar nossa participação imediata.

No momento em que vos dou as boas vindas em nome da Academia Cearense de Letras, chamo vossa atenção para a magnitude do trabalho que vos espera. E o faço porque conheço vosso devotamento às coisas do espírito. Faço-o porque testemunho diariamente vossa atuação jornalística, sempre voltada para o interesse das belas letras.

E fazendo-o eu vos concito a que vos incorporeis sem tardança aos que acreditam na prioridade dessa meta importantíssima.

Nos homens de vosso porte intelectual repousam nossas esperanças.

Sede bem-vindo, pois. Eu vos saúdo e felicito. E felicito, por igual, meus colegas Acadêmicos, que vos abriram as portas desta Casa, tornando possível uma aquisição de que não nos arreponderemos jamais.